

Um pingue-pongue sincero com Marília Barbosa

Nas perguntas, as dúvidas não só do repórter, mas do público.
 Nas respostas, a sinceridade de uma mulher aos 28 anos, mãe de Malco, 6 anos.
 Um pingue-pongue direto e sincero. De ambas as partes.

— Quem lançou você?
 — Renato Murce, na Rádio Nacional, em 1961, no Papel Carbone. Concorri cantando Teus Olhos Castanhos, criação do cantor português Francisco José. Então, pela lógica, eu não estava enquadrada no espírito do programa. E ganhei. Assim mesmo.

— Você acredita que, agora, programa de calouros revele alguém?

— Possivelmente, não. Se não existe critério nem na própria profissão, quanto mais em programas de calouros.

— Por que, um dia, você resolveu ser teatrista?

— Eu comecei representar na TV Tupi, a novela chamava-se O Doce Mundo de Guida. Mas, em Saramandala, quando fiz a Bia, é que descobriram que eu poderia ser teatrista.



Acontece que eu sempre fui, também, atriz. Ter sido teatrista, na Globo e na Tupi, apenas representou mais uma porta de trabalho para mim.

— O que a telenovela ensinou à cantora Marília Barbosa?

— Ensinou a adaptação da arte à tecnologia.

— Sendo uma cantora de repertório de pesquisa, por que você gravou uma composição de Erasmo e Roberto Carlos?

— Eu não sou uma cantora de pesquisa. Sou uma cantora de bom gosto.

— A canção, intitulada Olha, foi bastante executada nas rádios. Que gosto tem o sucesso, Marília?

— Agradar é sempre muito bom!

— Qual a meta do seu último LP que acaba de sair? O que você quer mostrar com o repertório escolhido?

— Eu quero mostrar. E quero que as pessoas ouçam. Só isto.

— Afinal? Cantora ou atriz?

— Mulher e artista.